



OLHARES CÊNICO-FENOMENOLÓGICOS: O VISÍVEL E O INVISÍVEL NAS DRAMATURGIAS DA PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

SCENIC-PHENOMENOLOGICAL LOOKS: THE VISIBLE AND THE INVISIBLE IN THE DRAMATURGIES OF DEPRIVATION OF FREEDOM

Autor: José Nildo de Souza¹

SEDF/UIBRA

Coautor: Paulo Sérgio de Andrade Bareicha²

UnB/FE

Resumo: Mediações teatrais com adolescentes em privação de liberdade. Souza, Merleau-Ponty, Moreno e Costa fundamentam a análise crítico-literária da oficina de teatro que vem sendo realizada em unidade socioeducativa de internação fechada, periferia do DF. A metodologia é qualitativa com observação participante do docente-autor nas cenas. O problema surge da condição que se encontram, em privação de liberdade: quais são os vínculos visíveis e invisíveis que permitem o teatro desvendar outras cenas possíveis? Os resultados mostram que as dramaturgias periféricas expressam tanto causas estruturais da violência - precariedade, escolarização interrompida, drogas e tráfico – quanto estratégias de mediação teatral com os letramentos grafitados e as sonoridades do hip hop.

Palavras-chave: socioeducação; teatro; fenomenologia; mediações cênicas; dramaturgias periféricas.

Abstract: Theatrical mediations with teenagers deprived of liberty. Souza, Merleau-Ponty, Moreno and Costa support the critical-literary analysis of the theater workshop that has been held in a closed socio-educational inpatient unit, on the outskirts of DF. The methodology is qualitative with participant observation by the teacher-author in the scenes. The problem arises from the condition they find themselves in, deprived of freedom: what are the visible and invisible links that allow the theater to reveal other possible scenes? The results show that peripheral dramaturgies express both structural causes of violence - precariousness, interrupted schooling, drugs and trafficking - and theatrical mediation strategies with graffiti literacies and hip hop sounds.

Keywords: socioeducation; theater; phenomenology; scenic mediations; peripheral dramaturgies.

¹ Mestre em Artes (UnB/2020). Pedagogo do teatro. Arte-Educador e Psicólogo. Ensino da arte e mediações pedagógicas, dramaturgias periféricas e teatralidades de resistência em contextos sociais atravessados por violências institucionais. <http://lattes.cnpq.br/8079355441321297> <https://orcid.org/0000-0002-8347-8581>

² Processos de criação e ensino em arte: educação, psicologia e a sociologia clínica. Doutor em Artes, USP, 2004. Mestre em Educação, UnB, 1994. Psicólogo, UnB, 1991. Professor da Faculdade de Educação da UnB. Presidente da Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP / 2013-2014). <http://lattes.cnpq.br/9391413318630708> <https://orcid.org/0000-0002-3206-8101>



1 INTRODUÇÃO

Este artigo situa o campo das artes cênicas na socioeducação. O objetivo é experienciar mediações cênico-fenomenológicas sobre o que é visível e invisível com adolescentes em privação de liberdade. Importa ainda, olhar atentamente para essas mediações e compreendê-las. A justificativa destaca a trajetória do autor, professor de teatro em internação fechada na periferia do DF. Tal vivência evidencia desafios enfrentados com o teatro em privação de liberdade. Não se trata apenas de um relato biográfico. Mas das contradições da socioeducação e reinvenções pedagógicas com o ensino das artes cênicas.

Os sentimentos do autor em relação aos adolescentes em privação de liberdade referem-se a uma etapa de sua vida. Também adolescente na Ceilândia, periferia do DF, enfrenta em sua trajetória: a violência, a letalidade policial, tráfico de drogas e exclusão social. Lecionando artes cênicas no presídio, reencontrou adultos-presos que haviam sido adolescentes na mesma região e atravessaram igualmente processos de exclusão. Ao chegar às unidades de internação, percebeu que muitos adolescentes eram filhos ou parentes de presidiários.

Dessa constatação descobre sua jornada no ensino da arte, nascendo o compromisso com o teatro na socioeducação: o que se desvenda como visível e invisível nas cenas desses adolescentes, dramaturgias censuradas, exclusões autobiográficas e os ciclos geracionais de encarceramento. Esses itinerários de lágrimas e vozes são também a aventura fenomenológica do docente-autor, arte-educador e ressocializador no sistema prisional. O contexto de adolescentes em internação socioeducativa é marcado por vulnerabilidades. Conforme as Diretrizes da Escolarização na Socioeducação do Distrito Federal (2017) a realidade do encarceramento e os atravessamentos culturais demonstram que,

[...] 80,2% se declaram negros. 40,4% dos adolescentes residem com a mãe. A escola está em quarto na violência seguida pela polícia, conflitos rivais e famílias. Apenas 2,2% completaram o ensino médio. Cerca de 93% dizem que a escola muda suas vidas. Adolescentes são sujeitos em desenvolvimento expostos a riscos comuns: fragilidades impulsivas; evasão escolar e baixa renda; famílias com envolvimento criminal; pais jovens, regiões violentas e drogadição. Adolescência é o momento de vulnerabilidade, fatores de risco aumentam e se acumulam. (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DA ESCOLARIZAÇÃO NA SOCIOEDUCAÇÃO 2017, p. 27).



Daí, portanto, uma literatura enraizada nas encruzilhadas periféricas do docente-autor, artista-pesquisador: dramaturgias como escrevivências em Valdeci Moreira de Souza (2024); fenomenologia, Merleau-Ponty (2019) e Jacob Levy Moreno (2014); e o chão vivo das interações com a pedagogia da presença de Antônio Carlos Gomes da Costa (2009).

O problema que se estuda é: o que é visível e invisível nas dramaturgias dos adolescentes em privação de liberdade? As vozes periféricas ecoam desse problema. A metodologia é a fenomenologia - compreensão e sentimento dessas vozes como atitude de consciência conjugando observação participante e criação estética. Esse enfoque abraça o sociodrama e a pedagogia da presença com olhares cênicos na experiência humana.

À guisa de conclusão, esta introdução anuncia as etapas do artigo: desenvolvimento, com duas subseções – metodologia e discussão dos resultados. Nas considerações finais apontam-se recomendações e inquietações no campo da arte-educação.

2 DESENVOLVIMENTO

Seção que entrelaça o visível e o invisível com os olhares cênicos na privação de liberdade. O percurso são as encruzilhadas das quebradas periféricas. Pelo ensino das artes uma atmosfera de escuta se intensifica sobre sentir e estar nesses lugares. Mobilizar mediações cênicas em privação de liberdade significa também sentir e estar nesses atravessamentos. A admissão de um jovem na socioeducação traduz tais atravessamentos: conflitos na infração e projeções de futuro.

Nas oficinas de teatro, os papéis de adolescentes privados de liberdade manifestam conflitos. Essa seção não apenas apresenta encenações do vivido, mas mediações que recompõem lembranças e emancipação. A cena é passagem da dor do encarceramento para o desejo de liberdade, a reescrita de si, novos enredos e resistências. A pesquisa que sustenta este estudo é qualitativa: vincula a experiência do docente-autor, produções acadêmicas e práticas artísticas em ateliês cênicos.



2.1 METODOLOGIA

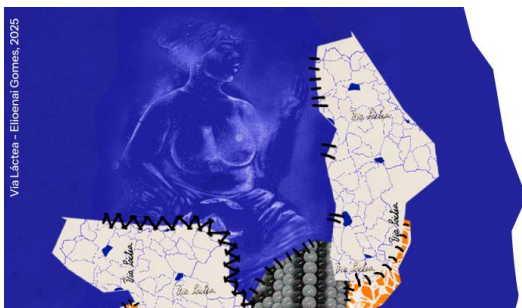
Adota-se a perspectiva vivencial da privação de liberdade: o aqui-agora de um pedagogo teatral, encenações do cotidiano que se transformam em material estético-pedagógico. O método integra a observação participante, a fenomenologia da percepção (Merleau-Ponty, 2019), o sociodrama (Moreno, 2014) e a pedagogia da presença (Costa, 2009).

O docente-autor observa gestualidades cênicas que se moldam nos adolescentes pelo encarceramento - cabeça baixa, ombros encolhidos e curvados, braços para trás, passos contidos e silêncio imposto. Em oficina ressurgem como disparadores para as criações teatrais: encenadas, transformam-se em dramaturgias de pertencimento. Da visibilização dos gestos cênicos emergem dimensões invisibilizadas como recordações dos “corre” das “quebradas”, afetos e sonhos anulados. Sintetiza o núcleo metodológico: a criação teatral como campo de mediação crítica onde o vivido se ressignifica. A metodologia do artigo reconhece essas corporeidades como signos de teatralidades performáticas - matéria estética e outras formas de estar-no-mundo.

Os olhares cênicos do docente-autor na privação de liberdade constroem um método de observação participante embasado na fenomenologia. Em Merleau-Ponty encontramos esses olhares, não apenas como modo de se fazer ciência. Mas, como atitude contestatória nas cenas. A fenomenologia é inconformismo. Reposiciona a ciência como cons-ciência, a educação como socioeducação e a cena como espaço político. Essa atitude se aproxima do sociodrama de Moreno com a inversão de papéis, o jogo de espelhos e o solilóquio.

As práticas pedagógicas crítico-ativas alinham-se, nessa metodologia, à pedagogia da presença de Costa (2009). Valoriza-se a escuta na mediação, a sala de aula como espaço da presença e o protagonismo como atitude propositiva. Os enredos dão visibilidade tanto a detenção quanto a liberdade. A oficina torna-se fronteira da cena com o cotidiano, ora aproximando-os, ora tensionando-os criticamente entre sujeitos, contextos e culturas.

Sob o olhar cênico-fenomenológico de Souza (2024), as dramaturgias concebidas pelo docente-autor com os adolescentes são periféricas porque reelaboram a privação de liberdade como escrevivências sobre a prisão e os sonhos



de liberdade além-muros da internação. Como exemplo desse olhar em cena destacam-se os encruzilhamentos do visível (gesto, voz, ação) com o invisível (lembranças, afetos e mirações), compondo um campo de mediação teatral e pedagógico que desafia o instituído.

Um método fenomenológico no teatro abrange as condições de produção e recepção de mensagens. Da leitura para a apropriação das dramaturgias, o docente-autor realiza idas e vindas nas encenações. Esse ir e vir confere um contorno às ressignificações sentidas, bem como uma experiência de mediação cênica para o enfrentamento das incertezas que os adolescentes lançam ao interpretarem objetos cênicos, como indica a Figura 1.

Figura 1 - Olhares Fenomenológicos com Objetos Cênicos.



Fonte: O autor

A Figura 1 realça os objetos cênicos da oficina que compõem os personagens. Quando encenados provocam reações emocionais no processo criativo. Na versão de Christiane Girard Ferreira Nunes e Pedro Henrique Isaac Silva (2018), mediados pela escuta sensível, revelam o que sentem e vivenciam como vínculos visíveis e invisíveis que o teatro desvenda nas cenas: as contradições no mundo; condições objetivas/subjetivas; capacidade de “re” criarem o vivido. Considera-se então, como acessam esses conteúdos, a fala, a atenção ao que se encena com esses objetos e as condições reais de vida.



A concepção metodológica da oficina de artes cênicas segue dois blocos temáticos: uma cena de prisão e duas cenas de liberdade. A subseção da discussão dos resultados faz análise da cena de prisão e de uma das cenas de liberdade. Seleciona-se assuntos do cotidiano e as condições que produzem as dramaturgias periféricas como disposto na Tabela 1.

Tabela 1- Olhares Cênico-Fenomenológicos sobre a Privação de Liberdade

Cena	Dimensão visível	Dimensão invisível	Estratégias	Referência
1. Prisão	Posturas rígidas, olhar baixo, gestos contidos (ombros encolhidos e braços para trás)	Sentimento de medo e perda de identidade. Poéticas e escritos dramaturgicos	Observação participante e jogo de espelhos	Merleau-Ponty
2. A lembrança do baile	Recriação de danças, batidas de rap hip hop e grafites	Saudade da família, desejo de pertencimento. Dramaturgias e encenações	Solilóquio e cânticos cênicos periféricos	Moreno e Souza
3. A projeção da liberdade	Coreografia cênica de um pássaro. Dramaturgia: “o voo da liberdade”. Encenações: “um livro aberto à criação”.	Esperança, sonhos pós-internação, reinvenção do futuro	Inversão de papéis e pedagogia da presença	Costa

Fonte: O Autor.

Os procedimentos para essa análise não se limitam a observar: eles estão inseridos no fluxo das poéticas cênico-dramatúrgicas, no risco de se construir processos criativos em espaços de confinamento e no compartilhamento de mediações críticas. Necessário, sobretudo, disputar esse território da socioeducação com um fazer teatral integrado aos modos de convívio dos adolescentes. Teatro esse, que resiste criando horizontes de liberdade frente às violências institucionais.

2.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A fenomenologia atribui significados. Neste sentido, não houve uma preocupação em quantificar, mas no processo dos resultados. Portanto, os olhares que esta pesquisa traz estão no território do socioeducando, em situações vividas. Isto é a pedagogia da presença materializada: o sujeito no ato criativo da montagem cênica. Aprecia-se, nesta etapa, a perspectiva fenomenológica-existencial, as mediações cênicas e o processo criativo em privação de liberdade.

A perspectiva fenomenológica-existencial é conceituada aqui como uma reflexão constante a respeito da história de vida do docente-autor e suas escolhas teóricas, desde a definição do objeto, a metodologia e a análise dos resultados. Uma



pesquisa em ciências humanas, carrega consigo, conforme Christiane Girard Ferreira Nunes e Pedro Henrique Isaac Silva (2018), algum significado para o pesquisador. Especialmente, mas não somente, porque esse significado influencia as escolhas teóricas e a metodologia da pesquisa.

A análise dos resultados fundamenta-se na fenomenologia da percepção que trata de um horizonte humano peculiar: o cotidiano da prisão e o além-muros. Organizam-se quadros cênicos sobre o visível e o invisível: uma cena de prisão (acusação e culpa) - e uma cena de liberdade (memórias e projeções). Na oficina de teatro o docente-autor coloca-se em lugares e papéis de adolescentes privados de liberdade interpretando versões corporais de suas dramaturgias periféricas, conforme Figura 2.

Figura 2 – Cena da Prisão.



Fonte: O autor.

A figura representa uma encenação junto com os adolescentes. O docente-autor, à frente, com camisa escura, interpreta o protagonista. Desse ponto, de estarmos juntos e fazermos com eles as dramaturgias, que a pedagogia da presença, na acepção de Costa (2009), rompe o conforto das pedagogias de transmissão do conhecimento, demonstrando que,

o homem não é um ser puramente de seu meio. Se ele é produto das relações sociais e é produtor dessas relações, cabe-lhe, criticamente, instaurar um mundo propriamente humano. Por outro lado, o homem não é liberdade pura,



desencarnada da luta de classes. A sua história não é feita nas condições escolhidas por ele e, sim, em condições que o antecedem e o ultrapassam. O mundo é, a um tempo, produtor e produto do homem, o qual, ao transformá-lo, engendra em si mesmo sua própria transformação (COSTA, 2009, p. 51).

Inserindo-se nas cenas como coadjuvante e protagonista, o docente-autor constrói mediações cênicas nas aulas de teatro em privação de liberdade. Encena com os adolescentes, o que é visível - como se veem e veem o mundo - e também o que não veem, o invisível – lembranças, sentimentos e histórias não contadas. A escuta sensível se faz entre atores-narradores, textos-vivos, quadros cênicos e diálogos sobre papéis e lugares que ocupam na cena.

Sob a perspectiva da fenomenologia são elaboradas estratégias pedagógicas para lidar com as limitações da internação, tais como: o gingado performático do ator-leitor nas rimas; os enredos das dramaturgias; a memória encarnada na cena. A leitura dos enredos concentra percepções corporais e subjetivas (MERLEAU-PONTY, 2019), dinâmicas sociodramáticas das escrevivências (MORENO, 2014; SOUZA, 2024), enunciados temáticos das inferências (COSTA, 2009) convergindo para uma compreensão expandida de intérprete, texto, palco e cena, como descrito na Tabela 2.

Tabela 2 - Concepção Teórico-Metodológica.

Autor	Intérprete	Texto	Palco	Cena
Souza (2024)	Socioeducando: sujeito periférico; intérprete de si.	dramaturgias: escrevivências e rimas e improvisos.	Território de resistência cultural.	Percursos existenciais.
Merleau-Ponty (2019)	Um corpo que sente/reflete no aqui-agora da cena.	Percepção fenomenológica e vivência sensível.	Fenoménico (corpos, olhares e gestos).	O visível/invisível - sentidos ocultos da experiência.
Moreno (2014)	Protagonista, assume papéis e identidade.	É dramatizado (conflitos vividos).	Encontro relacional e vínculos	Dilemas pessoais, coletivos e catarse.
Costa (2009)	É sujeito em processo de sua singularidade.	É pedagógico e mediado pelo cuidado.	Presença e diálogo.	Lugar de convivência

Fonte: O autor.

Dramaturgia – Cena de Liberdade: reconhecimento/superação

Um livro aberto para criação

“A liberdade de expressão é a cena de um livro para criação! Escrevemos pra dizer que o que passamos vocês nem imaginam não! Superar a rejeição é o mesmo que libertar-se das grades dessa prisão! Que nos sufoca, não apenas o corpo, mas a



mente sem razão vai aonde arranca o que tiver do coração. A humilhação do julgamento é a acusação. Sempre julgam a cena de uma ação pela capa da discriminação. A superação de tudo isso só pode ser a libertação. Enfrentar com a nossa luta testemunhando na cena, nossa expressão”.

Socioeducando.

Figura 3 – Cena de Liberdade



Fonte: O autor.

O roteiro para a cena da Figura 3 se estrutura em 4 blocos: ambientação, personagens, ações e falas. A ambientação é o espaço cênico. Todos em círculo representam o livro aberto. Os personagens são: ator-narrador (protagonista da dramaturgia), o círculo dos intérpretes (que cercam o protagonista) e outro ator que interpreta o protagonista.

As ações cênicas são: 1ª) Abertura (opressão e invisibilidade) - o protagonista entra concentrado, cobre o rosto com as mãos e se senta com a cabeça abaixada; os intérpretes no círculo observam. 2ª) O livro abre (o círculo se expande): uma voz emerge; o protagonista com as mãos no rosto fala em voz baixa. 3ª) Reconhecimento: enquanto fala, lentamente tira as mãos do rosto, olha os colegas; o círculo começa a se mover, expandindo-se. 4ª) Superação (visibilidade): o protagonista levanta-se, caminha até o círculo, olha para cada intérprete (cada um do círculo é uma página de sua vida) e pronuncia: “A superação é a libertação. Enfrentar com a nossa luta na



cena, nossa expressão.” O círculo se aproxima do ator-protagonista ao centro e este deixa-se ser visto (olhares de reconhecimento).

As falas e diálogos são extraídos da dramaturgia. O ato cênico de erguer-se significa ruptura. O formato do livro é um círculo que expande quando se desdobram as páginas. Há uma disposição cênica para a dramaturgia do ator-protagonista, pois isso, uma mediação de apadrinhamento entre os membros do elenco. Ou seja, um desses jovens será cuidado pelos demais nas cenas pelo reconhecimento da condição do outro. O docente-autor ainda faz uso da aula invertida com o teatro, sinalizando igualdade e protagonismo. O que se firma como invisível são lembranças e desejos de vida além-muros. Os processos de autoimagem revelam o medo de serem julgados pela “capa da discriminação”.

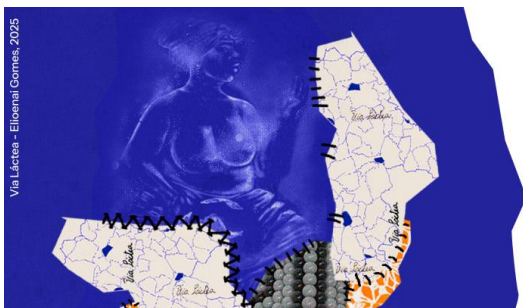
Dinâmicas grupais e fatores contextuais conferem uma qualidade às cenas. Operações como vigilância, mudanças de tempo/espço ou censura são práticas comuns que tensionam o teatro em privação de liberdade. Daí a opção do docente-autor por mediações dialógicas, embora nem sempre haja abertura institucional.

No compartilhamento das apresentações, o docente-autor convida o grupo da oficina a dizer o que viu (visível) e o que sentiu (invisível) durante a cena: onde você se reconheceu? Que parte te fez lembrar sua história? O que mudou no seu olhar como protagonista? A cena alinha-se ao conceito de dramaturgia periférica pois, expõe uma forma concreta de ler o mundo: um livro que se abre a criação. Todos do elenco experimentam, no decorrer da oficina, seus dramas, poéticas e enredo.

As discussões cênicas instauram brechas em cada palavra que toma corporeidade. Essas brechas rompem com a lógica do controle das violências institucionais. Olhares fenomênicos de Merleau-Ponty, Moreno, Souza e Costa reinventam espaços mediativos que “des” invisibilizam o sofrimento e visibilizam as encruzilhadas desses adolescentes nas quebradas das periferias, entre becos, vielas e guetos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa seção não pretende concluir, mas posicionar-se sobre lacunas não exploradas a partir de metáforas, desafios insuspeitos e sugestões para novos



estudos: o que encontramos em uma oficina de artes cênicas com adolescentes privados de liberdade? Não se busca subjetivismo, mas pistas para se ter e sentir mais humanidade. Gestos, palavras ou silêncios são fragmentos de um enigma social: como falar de socioeducação em espaços construídos para silenciar?

A face normativa da socioeducação parece operar um olhar distorcido: amplia-se a periculosidade e obscurece as singularidades. A cena teatral surge como uma lanterna em um quarto escuro: não dissipa sombras, mas destapa fissuras. E isso não esgota a mediação pedagógica experimentada nesse artigo. Faz-se necessário examinar essa sociedade que julga, não só o adolescente, mas os próprios dispositivos de controle que torna, esse adolescente, um número em prontuários. O jogo cênico apura, cada socioeducando como suspeito, vítima ou testemunha de um sistema que criminaliza. A oficina, mais que processo criador, mobiliza cenas de crimes sociais, reconstituindo percursos e formas de resiliência.

Os desafios insuspeitos para as mediações cênicas são o risco da estetização da dor, a pedagogia da contradição e a reinvenção do tempo. Como fenômeno de estetização da dor questiona-se a garantia que as dramaturgias não sejam vistas como estigmatizações. É preciso pensar a pedagogia do contraditório acolhendo, não apenas as vozes, mas o não-dito. Sob a ótica da reinvenção de temporalidades pondera-se sobre a internação que mede dias e sentenças enquanto o teatro suspende tempos ensaia futuros possíveis. Daí, a importância de se buscar metodologias que dialoguem com essa temporalidade teatral diante da rigidez da internação.

As sugestões de novos estudos apontam perspectivas incomuns: apreciar as oficinas como sondagens culturais desvendando a lógica de exclusão nos corpos e dramaturgias; investigar não apenas a encenação, mas um caminho para a pedagogia do invisível ou a fenomenologia do silêncio; mapear espaços de confinamento (pátio, cela, refeitório), transformando-os em palcos de invenção; estudos sobre dramaturgias de reincidência, não no aspecto jurídico, mas como estética teatral - como jovens encenam suas quedas e recomeços, e o que isso mostra sobre ciclos geracionais do encarceramento?



As artes cênicas na privação de liberdade são materialidades ainda ocultas. Ademais, o olhar cênico-fenomenológico do visível e do invisível trouxeram como é tratada a reincidência do adolescente internado: desconsidera-se o lugar de onde veio, seus percursos existenciais, a ausência de políticas públicas e a negação de espaços para a expressão conforme a percepção desse estudo.

O teatro como fenômeno de interação social instiga esses jovens a serem atores no mundo de suas cenas, posicionando-os como intérpretes de suas vidas. Interessa-nos, para estudos futuros, a demanda por pertencimento, o aprofundamento em questões da fenomenologia, a formação de grupos de pesquisa sobre conceitos e também, novas versões para uma oficina de artes cênicas em unidades de internação socioeducativas.

REFERÊNCIAS

BAREICHA, P. S. A. Psicodrama, teatro e educação: em busca de conexões. Linhas Críticas, v.4. Brasília: UnB, 1998.

_____, P. S. A.; NUNES, C. G. Sociodrama: um método de pesquisa- ação em sociologia clínica. Em: FORTIER, I.; HAMISANTONE S.; RUELLAND, I.; RHÉAUME, J. ; BEGDADI, S.; Clinique em Ciencias Sociales, University of Quebec, Canadá, 2019.

COSTA, A. C. G. Pedagogia da Presença: da solidão ao encontro. BH: Modus Faciendi, 2009. 140, 2ª ed.

DISTRITO FEDERAL. SUBEB/SEDF. Diretrizes Pedagógicas de Escolarização na Socioeducação. Brasília: 2017.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. SP: Martins Fontes, 2019.

MORENO, J. L. Fundamentos do Psicodrama. SP: Ágora, 2014.

NUNES, C. G. F.; SILVA, P. H. I. A sociologia clínica no Brasil. Revista Brasileira de Sociologia | Vol. 06, No. 12 | Jan-Abr/2018.

SOUZA, V. M. Poética de terreiro: um olhar sobre a macumba cênica da Semente Cia de Teatro. Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 4, n. 53, dez. 2024.